



AS MÚLTIPLAS VISUALIDADES DO SUJEITO CEGO

THE MULTIPLE VISUALITIES OF THE BLIND SUBJECT

Regivânia Almeida Moreira Lima

MPED - UNEB
regivania_pibid@hotmail.com

Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá

MPED - UNEB
lucicleidejatoba@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência educacional desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Alfredo Haasler em Jacobina – BA, em parceria com o Mestrado profissional em Educação e Diversidade (UNEB) e o Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-Vi), envolvendo alunos e sujeitos cegos da comunidade com o propósito de promover inclusão e discutir sobre as múltiplas possibilidades de interação geradas com a inserção da cultura visual na escola. O trabalho teve como princípios metodológicos a teoria sociointeracionista, visando, não somente a interação e compreensão das obras pelos alunos/as, mas também, possibilitar acesso aos bens culturais para que os sujeitos envolvidos pudessem fazer suas inferências sobre a obra, com possíveis produções de sentido, mediante leitura de telas (re)construídas pelos discentes. Para isso, a equipe projetou e ressignificou conhecidas obras de arte, possibilitando a esses sujeitos apreciar as produções artísticas através da arte sinestésica (material utilizado para dar relevo as telas) e audiodescrição (tradução intersemiótica da imagem para o verbal) recorrendo às sensações (tato e audição). Do ponto de vista teórico, foram considerados os conceitos de produção de sentido, cultura visual, acessibilidade, audiodescrição e inclusão sob a ótica de autores como: Matos e Habold (2011), González Rey e Tacca (2008), Macedo (2010), Motta e Romeu Filho (2010), Sasaki (1997), Sérvio (2014), Lima (2011) e Vygotsky (2003), dentre outros.

Palavras-chaves: produção de sentido; cultura visual; inclusão; audiodescrição.

Abstract

This article aims to report an educational experience developed at the State School Priest Alfredo Haasler of elementary school in Jacobina - BA, in partnership with the Professional Master in Education and Diversity (UNEB) and the Group of Research in Visual Culture, Education and Languages (Cult-Vi), involving students and blind subjects of the community with the purpose of promoting inclusion and discussing the multiple possibilities of interaction generated with the insertion of visual culture in school. The work had as methodological principles the socio-interactionist theory, aiming, not only at the interaction and understanding of the works by the students, but also, to provide access to the cultural assets so that the subjects involved could make their inferences about the work, with possible productions of sense, by reading screens (re) constructed by the students. For this, the team designed and renamed well-known works of art, allowing these subjects to appreciate the artistic productions through the synesthetic art (material used to give relief to the screens) and audiodescription (intersemiotic translation of the image to the verbal) using the sensations and hearing). From the theoretical point of view, the concepts of sense production, visual

culture, accessibility, audiodescription and inclusion were considered from the perspective of authors such as: Matos and Habold (2011), González Rey and Tacca (2008), Macedo (2010), Motta and Romeu Filho (2010), Sasaki (1997), Sérvio (2014), Lima (2011), Serbian (2014) and Vygotsky (2003) among others.

Keywords: meaningproduction; visual culture; inclusion; audiodescription.

Introdução

O estudo aqui abordado é o resultado de relatos de experiências que foram vivenciadas durante a produção e exposição de artefatos artísticos, no ano de 2018, na Escola Estadual Padre Alfredo Haasler- EEPAH, Jacobina – BA, com sujeitos cegos da comunidade. Tal atividade teve início com um trabalho desenvolvido durante as aulas da disciplina de Artes, ministrada pela professora Regivânia Almeida, com os alunos do Ensino Fundamental II e culminou com a participação da comunidade. O trabalho pretendeu não somente compreender e (re)criar obras de artes renomadas como “O grito”, de Edvard Munch; “A Noite Estrelada”, de Vincent Van Gogh e “A Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci, como também propiciar a inclusão de pessoas cegas no mundo das artes, considerando que a visibilidade não perpassa somente o que é visível, mas pode se entrelaçar com outros sentidos e possibilidades, para a compreensão e reconhecimento da obra/arte. Para tanto, precisamos considerar a construção de sentidos subjetivos por meio do contato com a obra e o uso de recursos de áudio para que o sujeito cego possa fazer inferências nas obras de artes selecionadas, por meio da (re)leitura das telas citadas. Para isso, foi utilizando materiais que possibilitassem a leitura tátil desses sujeitos em contato com as telas.

O processo de desenvolvimento da atividade, bem como a sua concepção foi orientada pelos seguintes questionamentos: Como fazer com que os sujeitos cegos possam interpretar uma obra de arte? Quais materiais podem ser utilizados para a (re)criação das telas, que facilitem a leitura tátil das obras? Como propiciar acessibilidade aos indivíduos cegos pertencentes à comunidade?

Para que o trabalho pudesse evoluir e atender as expectativas dos participantes foi necessário se compreender como a constituição de sentido se processa e é apreendido por esses sujeitos cegos, buscando refletir, também, se as escolas estão preparadas para atender a esta clientela. Nesta atividade foi utilizada também a audiodescrição como ferramenta pedagógica de inclusão, propiciando o ensino e aprendizagem desses sujeitos, além de explorar o uso do sistema háptico no contato e compreensão da imagem/obra.

A constituição de sentidos leva em conta alguns elementos: a linguagem, o pensamento, as experiências e vivências dos sujeitos, como estes se relacionam, as emoções de cada indivíduo (GONZALES REY 2005, 2007, 2008; STANGHERLIM 2007; MATOS e HABOLDE 2011). Portanto, todos esses elementos foram considerados durante a atividade na tentativa de contribuir com os sujeitos para a produção de sentido.



Ponto de partida: a proposta de trabalho com a arte

A proposta surgiu durante a I unidade, na disciplina de Artes, com a professora Regivânia juntamente com os alunos do 9º ano matutino e o 9º e 8º ano A e B vespertino ao promoverem a 1ª Feira de Arte da EEPAH. A feira teve como objetivo geral: Criar um espaço de exposição para a contemplação da comunidade escolar e a comunidade local de uma variedade de artes feitas pelos alunos como: telas autorais, (re)leituras da obra Mona Lisa, artes com materiais reciclados, arte surda e telas para os cegos. Todo esse movimento serviu para proporcionar o desenvolvimento da criatividade, senso crítico e a sensibilidade através das artes. Além de possibilitar o trabalho colaborativo e o protagonismo juvenil com o olhar voltado para a diversidade, dando acesso a arte para os alunos surdos e pessoas cegas da comunidade.

As experiências formativas

Ao analisar a obra Mona Lisa, de Leonardo Da Vince, foi lançada a seguinte pergunta aos alunos do 9º ano vespertino: O que vocês acham de produzirem uma tela de Mona Lisa para que as pessoas cegas pudessem ter acesso a esta arte? E quais materiais podemos utilizar? Essa inquietude de pensar inclusão dentro do espaço escolar e de como inserir o sujeito cego dentro do trabalho de arte, desafiou a professora que apresentou a direção da escola a proposta. A ideia foi acolhida. A proposta foi passada para a turma do 8º ano vespertino que também aceitou o desafio. Foram apresentados slides com algumas obras, os alunos escolheram o que desenhar e as obras foram escolhidas pelo melhor traçado, sendo eleitas as obras: Mona Lisa, O Grito e a Noite Estrelada. A professora fazia discussões com alunos e alunas, além de buscar parcerias de artesãos locais para (re)produzir as telas. Para o preparo e manuseio de massa de biscuit contou com a colaboração da artesã Áurea, que se disponibilizou a ensinar as técnicas para se trabalhar com esse material. De posse desses recursos, procuraram confeccionar as telas, para que os cegos pudessem, por meio do tato, perceber os traços da obra. Tudo de forma bem rústica e simples, mas com uma dedicação intensa dos envolvidos.



Figura 1: Confeção das telas com a massa de biscuit

Na produção das telas (Figura 1) houve uma atenção também com a mistura das cores para conseguir o efeito desejado, pois a tela não podia fugir a ideia original do pintor. Por se tratar de telas muito expressivas, que exploram as emoções, o desafio maior era justamente saber como contemplar essas sensações nas telas que estavam sendo reproduzidas. Muitas mãos e ideias foram misturadas e entrelaçadas, mas ainda ficava aquela sensação de insegurança se o trabalho feito daria conta de atender as expectativas dos sujeitos. Vieram, então, as indagações de como fazer para que o sujeito cego percebesse as características da obra original; foi, então, que surgiu a ideia da gravação descritiva da obra, tendo a colaboração da aluna Maria Clara Veras. A proposta era ter uma sala adaptada para esse atendimento: desde a colocação de um piso tátil, até o cuidado com a reprodução do áudio e a disposição dos quadros.



Figura 2: Percepção e leitura das telas por Ademilson Oliveira

A abertura do evento contou com a presença e os depoimentos dos participantes da Associação das Pessoas com Deficiência em Jacobina – APCD, o senhor Ademilson Oliveira¹, Rebeca Nere² e Ednilson Santos³ e da professora Ivanice Cajueiro⁴, que relatou a sua experiência enquanto professora e as dificuldades enfrentadas no trabalho com os alunos e alunas com necessidades especiais, sendo ela também uma pessoa cega. Foi destacada a participação das intérpretes da escola, Naiara da Silva Dias dos Santos e Maynara Costa de Campos Moura. Em seguida, ocorreu a apresentação de alunos, em libras, acompanhando a letra e o ritmo da música “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha. Concluída essa parte de troca de experiência e saberes, os cegos foram conduzidos a sala onde estavam as telas (Figura 2).

As pessoas são diferentes e suas diferenças não podem ser motivo para excluí-las da sociedade, pelo contrário, elas precisam de oportunidades para demonstrar suas competências e

¹ Ademilson dos Santos Oliveira, 33 anos, presidente da Associação de Pessoas com Deficiência (APCD), de Jacobina-BA

² Rebeca Aguiar do Nascimento Nere, 27 anos, graduando em Educação Especial, monitora de escola Fundamental II. Secretária da APCD.

³ Ednaelson Silva dos Santos, 31 anos, Ensino Médio, profissão músico. Membro da APDC.

⁴ Ivanice Alves Cajueiro, professora, 49 anos, pós-graduada em Educação Especial Inclusiva e cursando Atendimento Educacional Especializado. Membro da APDC.

habilidades. Isso precisa ser valorizado na escola, para não vitimizar os sujeitos com necessidades especiais, como destaca o presidente da APCD:

[...] Este espaço e os demais espaços de educação não pode jamais abrir mão disso. A gente precisa trabalhar muito a criança, para que ela venha a conhecer o diferente. Eu sou uma pessoa diferente. Sou deficiente visual. Todos nós somos diferentes. Para a gente quebrar alguns mitos, preconceitos é necessário que a gente apresente as crianças os potenciais das pessoas com deficiências. Para isso, é necessário que os materiais estejam na verdade adaptados. (Depoimento em 30/07/18 - Ademilson Oliveira.)

A primeira constatação que fizemos é que a maioria dos profissionais da escola não tem contato e experiências com cegos, o que dificultou bastante os preparativos para acolhimento desta clientela. Ninguém sabia usar o Braille (sistema mundial de escrita e leitura tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão) e tivemos que recorrer ao presidente da APCD, para que confeccionasse o nome e autor das obras e as palavras que iriam fazer parte do quadro de emoções, que seriam utilizados.



Figura 3: Percepção e leitura das telas por Ednaelson dos Santos

Cada um dos convidados, com cegueira congênita ou baixa visão, foram entrando individualmente, inicialmente examinando as telas (Figura 3), depois com o auxílio da audiodescrição e por meio da leitura do nome das telas e autores em Braille. Após essa leitura inicial, houve um bate papo, com as mentoras do projeto e os participantes da Associação sobre as obras expostas e sobre a vivência e experiências deles com a educação e a arte.

A reação deles foi emocionante! Era perceptível tanto no semblante, quanto nas palavras, o envolvimento com as obras. Relataram que nunca haviam tido oportunidade de fazerem uma leitura de uma obra, tanto por meio do tato, quanto com o uso da audiodescrição e do Braille, sendo estes imprescindíveis para a compreensão da tela. Enfatizaram o quanto é importante as pessoas buscarem se aproximar das pessoas com necessidades especiais para compreenderem as suas peculiaridades e poderem inserí-las na sociedade. As barreiras atitudinais atrapalham a inserção dos sujeitos com deficiência, tanto nas relações sociais como nas tarefas do dia a dia, como destaca Ivanice:

Não tem como uma pessoa ajudar a gente se não se chegar a gente, se ele não conhecer aquilo que a gente precisa, dos recursos que precisamos para nos desenvolver, para estarmos sendo realmente incluídos. A lei de inclusão existe e é bem bonita, só que na prática ela não existe. (Depoimento em 30/07/18 - Ivanice Cajueiro)

A inclusão só é efetiva com o envolvimento de todos, pois casos isolados apenas evidenciam a necessidade de se buscar caminhos para vencer as barreiras e dificuldades impostas pela sociedade. E quanto à acessibilidade no caso das obras de arte, segundo Macedo (2010) todo projeto tem que ter a preocupação de ser acessível desde o início e não adaptando no decorrer ou no final do processo.

Cultura visual e acessibilidade

A criança desde cedo aprende a tocar as coisas para senti-las, brinca com as cores, com os formatos, com o barulho, para depois aprender a linguagem verbal. A vontade de aprender coisas novas, leva às experimentações diversas, inicialmente com a exploração das imagens, depois com a aquisição da linguagem, porém, sempre em processo de interação social. A cultura visual, nos dias atuais, estar presente em todos os ambientes que essa criança frequenta, auxiliando-a na compreensão dos fatos e situações da vida. Porém, o que dizer daquelas crianças que já nascem com baixa visão ou cegos? A escola está preparada para recebê-las e suprir esta necessidade?

A escola, no entanto, buscou unificar esses sujeitos e saberes, padronizando a educação, mas Tacco e Ray (2008), ao abordarem sobre o perfil da escola, criticam esse formato de ensino e enfatizam que o maior desafio da escola é o de transitar entre a igualdade e a diferença, entre o que deve ser igual para todos e o que deve ser visto sob o prisma da diversidade. Os autores ainda refletem sobre a necessidade de se objetivar um conteúdo originário da produção de conhecimento da humanidade, para todos, mas não em modelos únicos, para não cometer o erro de padronizar os alunos, pois só poderia levar ao sucesso de poucos que se enquadrassem.

A Constituição Federal⁵, de 1988, nos textos dos Art. 205, 206 e 208, garante a educação para todos, com ênfase aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A ideia que passa é que a inclusão está garantida e compete as pessoas com necessidades especiais frequentarem ou não a escola. Sasaki (1997) discorre sobre isso: “[...] a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades educacionais especiais e, simultaneamente, estas se prepararam para assumir seus papéis na sociedade” (SASSAKI, 1997, p. 41). A Constituição Federal reconhece as diferenças, mas o sistema

⁵ O Art. 205 garante que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. No Art. 206 destaca que o ensino será ministrado buscando a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e no Art. 208 enfatiza que a educação é dever do Estado e que este deve oferecer atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.



de ensino busca tratar todos de forma igual, excluindo muitas pessoas do processo educativo, pois não conseguem muitas vezes adentrar e permanecer na escola, por falta de estrutura e condições que atendam as especificidades de cada indivíduo.

Partindo dessas reflexões é que esta vivência buscou alternativas que quebrassem as barreiras para inclusão, não somente no atendimento aos alunos surdos, mas no âmbito da realidade dos cegos, por isso, teve como base a teoria sociointeracionista, de Lev Vygotsky (2003), em que o foco é a interação, considerando os contextos sociais, históricos e culturais do indivíduo. Além disso, buscou refletir como a Cultura Visual pode contribuir para uma educação inclusiva, respeitando as diferenças, como destacou Rebeca Nere:

[...] é interessante como os alunos conseguiram diferenciar as texturas, para poder dividir cada espaço, cada desenho das telas e saber que ainda existe uma forma sim, deficiente visual poder ver como as pessoas realmente vêem, embora seja com as mãos. Então acho que só falta um pouquinho de bom senso e lembrar da gente. (Depoimento em 30/07/18 - Rebeca Nere)

Para compreensão de como o sujeito cego pode ver uma obra de arte, é preciso diferenciar o que seja visão e visualidade. A visão está ligada a dimensão biológica do olhar, enquanto a visualidade volta-se para a contextualização da visão, considerando o contexto cultural e histórico em que esse sujeito está inserido. Portanto, o conceito de visualidade é mais amplo que o da visão, visto que para se compreender o que está vendo é necessário recorrer às memórias guardadas e capturadas em nosso cérebro, bem como considerar as emoções envolvidas nessas memórias (KNAUSS, 2008; SÉRVIO, 2014). A Cultura Visual desloca a demasiada importância dada à visão e busca nas visualidades a importância de elementos culturais e históricos. Paulo Knauss (2006, p. 107) corrobora com essas ideias ao afirmar que “[...] trata-se de abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas...”. Segundo Sérgio (2014), os autores que trabalham com Cultura Visual consideram as imagens importantes, contudo elas não servem apenas para refletirem a realidade ou um contexto, mas a relação com que elas nos afetam, possibilitando a construção e percepções que temos a respeito de nós mesmos e do mundo. Partindo destas concepções sobre Cultura Visual e visualidade é que se projetou o contato desses sujeitos cegos e com baixa visão com as (re)significações das obras de arte.

Para que os cegos e com baixa visão tenham acessibilidade⁶, recorre-se à percepção tátil e auditiva, sendo por meio do toque que eles percebem a textura das coisas e podem fazer leituras em Braille. Os recursos auditivos muito têm contribuído para a inserção deles nas relações sociais, sendo este a principal forma de acesso à comunicação, visto que nem todos os espaços dispõem de

⁶ A verdadeira inclusão é fazer com que todos possam participar de atividades, ter contato com serviços, informações e produtos, que também são oferecidas ao restante da população, usufruindo de qualquer material produzido, em áudio ou vídeo, que possa ser adaptado para atender a necessidade de cada um. Tão importante quanto o acesso ao local é possibilitar a essas pessoas serem inseridas nos eventos sociais.



código Braille e este é quase totalmente desconhecido pelo público não cego. Segundo Lilian Motta (2016) é inegável o aumento de pessoas cegas ou com baixa visão em busca de informações, cultura, artes cênicas e cinema. A audiodescrição, sendo um recurso de acessibilidade comunicacional, de tradução intersemiótica que transforma o visual em verbal, torna-se indispensável nesses processos, pois amplia o entendimento e promove a inclusão, a autonomia e a participação em igualdade de condições (MOTTA, in CARPES, 2016). Sendo um recurso versátil, é compatível com praticamente todos os tipos de eventos culturais, possibilitando inclusão desses sujeitos em espaços como teatros, televisão e cinemas. Franco e Silva (in: MOTTA e ROMEU FILHO, 2010, p. 19) definem que “A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão.” Desta forma, a audiodescrição será um excelente recurso para inclusão do público cego e com baixa visão, em espaços diversos. Para Lima (2011), a audiodescrição é uma atividade que proporciona uma nova experiência com as imagens, substituindo a experiência visual perdida, sendo uma tecnologia assistiva, permitindo o acesso desses sujeitos a eventos imagéticos. “[...] é recurso inclusivo, à medida que permite participação social das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes” (LIMA, 2011, p. 09). A audiodescrição é um dos recursos mais eficaz para a percepção da arte, como destaca a professora Ivanice Cajueiro: “E agora vocês proporcionaram que a gente tocasse nos quadros e ainda foi feita audiodescrição. Isso tudo faz diferença. Claro que eu tocando, só tocando, nem tudo eu seria capaz de identificar sem a audiodescrição. (Depoimento em 30/07/18)” e o músico Ednaelson dos Santos: “O que facilitou mais foi a audiodescrição, porque quando estava rodando o áudio ali eu ia passando a mão e a menina ali ia me explicando. O que facilitou muito. Eu me senti como se eu tivesse visualizando com os olhos.(Depoimento em 30/07/18)”

No Brasil ainda é precário tais medidas. Mesmo com as garantias de acessibilidade apontadas na Lei 10.098, de dezembro de 2000, em seu Art. 10⁷, ainda não atende a individualidade dos cidadãos que necessitam de inclusão. Essas dificuldades de acesso à educação e a cultura também são destacadas por Admilson Oliveira e Ivanice Cajueiro:

Pelo menos quando eu estudei não tive nenhum acesso. Aqui na cidade, também não existe nenhum lugar que tenha uma arte que diga “Aqui tem acessibilidade. Uma pessoa cega pode entrar aqui e reconhecer esses quadros, pelo menos, através da escrita, como está ali.” (Depoimento em 30/07/18 - Ivanice Cajueiro)

A gente veio ter acesso hoje aqui, no Colégio Padre Alfredo Haasler e quero parabenizar mais uma vez a iniciativa, porque o colégio está dando o pontapé inicial. Lá fora, nos outros espaços, a gente não encontra isso. Já começa pelo espaço de cultura que nós temos, municipal, no Centro Cultural, que não existe acessibilidade nenhuma. (Depoimento em 30/07/18 - Ademilson Oliveira)

⁷ O Art. 10 estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.



As pessoas produzem sentido em contato com diversas formas de informação. Isso não é diferente com o sujeito cego ou com baixa visão. No processo de constituição de sentido deve-se levar em conta alguns aspectos e elementos inerentes ao sujeito nas suas relações sociais, como: as experiências e vivências dos sujeitos, a linguagem utilizada, o pensamento produzido, como estes sujeitos se relacionam, considerando a carga emocional que cada indivíduo trás (GONZALES REY 2005,2007, 2008; STANGHERLIM 2007, MATOS e HABOLDE 2011). O emocional interfere, interage e contribui com a produção de sentidos. Sendo a obra de arte sustentada na subjetividade dos sujeitos, acreditamos ser essa abordagem mais adequada para se compreender a produção de sentidos. Podemos destacar que “Grande parte desse público fica privada do lazer e da expressão cultural através de tais produtos, por estar, socialmente vinculado à experiência estética o sentido da visão.” (VILARONGA, in MATTOS, 2010, p 143). Precisamos considerar que o ser humano é dotado de peculiaridades, diversidades e semelhanças e todos precisam vivenciar todas as experiências necessárias a sua formação enquanto ser humano. Ademilson Oliveira relata isso em sua experiência:

A gente tem maneiras diferentes de ver e maneiras diferentes de trabalhar. Eu vejo através do tato. As pessoas com deficiência vêem através do tato e da audição. Naturalmente se tivermos materiais adaptados, como por exemplo, as telas, isso vai proporcionar, para a gente, um acesso aquilo que as outras pessoas têm acesso. (Depoimento em 30/07/18 - Ademilson Oliveira)

A produção de sentidos está associada a uma produção estável de emocionalidade que extrapola os significados que se configuram nela, sendo que o sujeito é produto de pensamentos em um processo de sentidos, considerando que a linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional desse sujeito comunicativo (GONZALES REY, 2005). Desta forma, percebe-se que a produção de sentidos é realizada de maneira processual, permanente, mutável, agregada a uma carga emocional para cada situação vivenciada pelo sujeito (MATOS e HABOLDE, 2011). O sujeito produz sentido buscando também resgatar sua memória cognitiva e emocional, em contato com as situações históricas e culturais vivenciadas por ele. Para isso, as pessoas fazem uso também do sistema háptico, para compreender o mundo ao seu redor, quando tocam um objeto procurando identificá-lo, mas o uso desse recurso é intensificado quando o sujeito é cego ou possui baixa visão, pois esse sistema, também conhecido como tato ativo, diz respeito a percepção de textura, aos movimentos e forças percebidos por meio do uso da visão, da audição, do tato e da propriocepção. Silva (2017) corrobora com isso ao afirmar que:

[...]o háptico pode tanto estar ligado ao tato como a experiências visuais que estimulem sensações táteis. Em obras artísticas, ele pode ser explorado através da interatividade, quando o indivíduo é convidado a explorar a obra por meio do toque e de outras sensações que podem ser provocadas diretamente sobre sua pele. Pode também ser acionado por meio do estímulo visual que provoca sensações hápticas, como o enfoque nas texturas ou através de imagens viscerais, por exemplo.(SILVA, 2017, p.238 e 239)



A Cultura Visual está sendo inserida na vida desses sujeitos. Todo esse processo de reflexão e adaptações contribuem, de forma significativa, para a compreensão das telas expostas, promovendo a inclusão dos sujeitos cegos e com baixa visão.

Considerações Finais

As escolas precisam ser adaptadas fisicamente e pedagogicamente para receber pessoas com necessidades especiais, principalmente os cegos. Ações como: capacitação de professores e demais funcionários da escola, distribuição de materiais para serem usados e manipulados por esses alunos, que auxiliem a sua alfabetização em Braille (máquina de Braille, livros em Braille e outros recursos pedagógicos), usos de recursos audiodescritivos durante as aulas, dentre outras ações, iriam ajudar na socialização desses alunos e alunas. Isso ainda é uma utopia para a realidade da maioria das escolas brasileiras, pois ainda está longe de oferecer um ambiente adequado e propício às necessidades desses sujeitos. A escola ainda é excludente.

A sociedade e a escola precisam oferecer oportunidades diversas, para que também as pessoas com necessidades especiais possam mostrar suas habilidades. Além disso, precisamos proporcionar aos alunos momentos de troca de experiências para que possam tornar-se pessoas melhores, como destaca a secretária da APCD:

Com esses trabalhos, com todas essas questões que falamos aqui, que podem ser feitos, vai trabalhar também essa questão do ser humano. De aceitar o outro, de respeitar as diferenças. Vamos criar as nossas crianças e jovens, pois eles vão crescer e virar adultos conscientes que respeitam, que aceitam o próximo. Todas essas questões que já entram na questão de valores, de ética. Então teríamos seres humanos melhores. (Depoimento em 30/07/18 -Rebeca Nere)

As pessoas cegas ou com baixa visão podem ser inseridas ao mundo da arte e na cultura visual, por meio da audiodescrição e do uso do sistema háptico, promovendo alternativas de aprendizagem e produção de sentido. Portanto, oferecer oportunidades à todas as pessoas, com troca de experiências e vivências, gera mudanças de posturas e de discurso, possibilitando tornarem-se mais humanizadas.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

FRANCO, E. P. C.; SILVA, M. C. C. C. da. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In MOTTA, L.M.V e ROMEU FILHO, P. (orgs). **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.



GOMES, C. (2005). **Sentidos subjetivos de alunos portadores de necessidades especiais acerca da inclusão escolar.** Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

KNAUSS, Paulo. **Aproximações disciplinares: história, arte e imagem.** Anos 90, Porto Alegre, v.15, n.28, p.151-168, dez. 2008.

LIMA, F. J. Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 7, n. 7, 2011.

MACEDO, Claudia Mara Scudelari de. **Diretrizes para a criação de objetos de aprendizagem acessíveis.** Tese, 2010/UNFSC <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/193>>. Acesso em: 04 de jun. de 2018.

MATOS, S. S. de; HOBOLD, M. de S. Constituição de Sentidos Subjetivos do Processo Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior. **Psicol. Esc. Educ.** [online]. 2015, vol.19, n.2, pp.299-308. ISSN 2175-3539. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192838>>. Acesso em 02 de jun. de 2018.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SÉRVIO, P. P. P. *O que estudam os estudos de cultura visual?* **Revista Digital do LAV** - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 196-215 - mai./ago.2014. Disponível em < file:///D:/Downloads/12393-93484-1-PB%20(1).pdf > Acesso em 20 de jul de 2018.

SILVA, T. T. O sentido háptico e a politização da imagem contemporânea. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.13, n.22, p.236-257, jan./jul. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/25073/pdf>>. Acesso em 04 agosto 18.

TACCA, M. C. V. R.; GONZALEZ REY, F. L. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 138-161, mar. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02/06/Pçãlio18.

VILARONGA, I. Olhares Cegos: A Audiodescrição e a Formação de Pessoas com Deficiência Visual. In: MOTTA, L.M.V e ROMEU FILHO, P. (orgs). **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras.** Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

VYGOSTSKY, L.S. **A Formação social da mente.** 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Minicurrículos

Regivânia Almeida Moreira Lima

Licenciada em Letras: Português/Inglês e Literaturas Brasileira e Portuguesa (UNEB). Especialista em Planejamento Educacional (UNIVERSO) e Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (IBPEX). Mestra em Educação e Diversidade (MPED – UNEB – Campus IV). Professora estadual da Escola Estadual Pe Alfredo Haasler.

Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá

Licenciada em Letras Vernáculas (UNEB). Pós-graduada em Psicopedagogia, pela Universidade Castelo Branco - RJ. Especialista em Gestão pela UFBA. Mestranda pelo Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED – UNEB – Campus IV). Diretora da Escola Estadual Pe Alfredo Haasler.